

Franco quer menos alarmismo

Economia - Brasil

BRASÍLIA - "A situação fiscal não é das melhores, sendo que em 1998 deve-se esperar que os ganhos, em relação a 1997, sejam muito modestos". A declaração é do presidente do Banco Central, Gustavo Franco, que ontem reconheceu os limitados resultados do pacote fiscal de novembro do ano passado. "Com isso, o déficit fiscal deverá ser da ordem de 6% do PIB (Produto Interno Bruto, que é a soma de bens e serviços produzidos no país em um ano) para os três níveis de governo e empresas estatais", previu, apesar de o último resultado divulgado já estar indicando 6,5%.

Mas, segundo Franco, "é preciso reduzir o alarmismo". "Os impactos sobre a dívida estão sendo mitigados pelas receitas de privatização", que, segundo as expectativas de economistas do governo, permitirão ingressos adicionais

pelos próximos dois ou três anos. Depois disso, o déficit fiscal precisa estar sob controle.

"No futuro, teremos que ter déficits jamais superiores a 3% do PIB. Temos tempo para chegar a isso com calma, dado que as receitas de privatização ainda serão significativas", disse Gustavo Franco.

Críticas - Apesar do cenário parcialmente positivo, o presidente do BC ouviu críticas da bancada governista. "O Banco Central não está conseguindo vender os títulos do Tesouro Nacional, a dívida está se encurtando e os juros ao consumidor passam dos 200%. Mais dois anos assim e o país quebra", ponderou o senador Jefferson Peres (PSDB-AM), que comparou o Brasil a um navio com dois rombos no casco: um representado pelo déficit fiscal, outro pelo déficit externo.

A resposta de Franco foi sutil.

"Há perigos sim em manter o déficit público. Mas também não temos ainda instituições monetárias e fiscais dignas de um país sério e o processo orçamentário carece de certos avanços", disse. E aproveitando a ilustração do navio, Gustavo Franco ressaltou que "os passageiros que estão na primeira classe não têm noção do perigo e pedem mais coisas aos comandantes", depois de ouvir diversos pedidos dos senadores pela redução das taxas de juros.

Entre os críticos, o senador Vilson Kleinubing (PFL-SC) chegou a dizer que "o país está trabalhando para pagar juros". A resposta veio nas entrelinhas. Citando o fisiologismo dos parlamentares americanos, Franco disse que "o Congresso está cheio dessas coisas, mas o de lá...". Segundo Franco, "quando aparece a conta de juros ninguém sabe de onde veio". (W.G.)

18 JUN 1998